

Política

SUCESSÃO

Num ponto as pesquisas estão de acordo: os eleitores ainda sem candidato formam um contingente numeroso e expressivo. São eles que vão decidir a sorte dos primeiros colocados no dia 15.

ões de indecisos decidem a eleição



Cena histórica: Collor recepciona cordialmente Sarney, em Alagoas, há dois anos.

vistado pelo tema política. Números: 19% confessaram muito interesse, 27% disseram que é médio, 23% que é pouco, 25% que é nenhum. A outra pergunta trocou o tema: eleições. Os números: 33% afirmaram muito interesse, 26% afirmaram ser médio, 19% disseram que é pouco e 21% que é nenhum. Resumindo, se política não atrai, eleição, para presidente mobiliza muito. O que está acontecendo, nestas horas que precedem a decisão, é simplesmente uma reflexão — feita por cada um desses 25 milhões de votantes — em torno do melhor, entre dois ou três aceitáveis.

Migração do eleitor por imagem

Para que candidato vão migrar esses milhões? Se a questão ideológica está fora de cena, ressalta uma vez mais um conceito tão antigo quanto a vida em sociedade: imagem. Chega ao segundo turno — considerando-se que Collor está quase lá — o candidato a respeito de quem os 30% de indecisos catalogar maior número de qualidades e virtudes pessoais. Neste capítulo, nem Ibope nem Gallup realizaram qualquer pesquisa. Um indicador oportuno, portanto, pode ser o chamado índice de rejeição. Considerando-se que esses indefinidos já sabem em quem não vão votar, deduz-se que boa parte dos votos vai migrar para o candidato menos rejeitado. No último Datafolha, do dia 7, os índices foram: Afff, 24%; Maluf, 32%; Covas, 15%; Lula, 30%; Brizola, 31%; Collor, 27%.

Outro dado — este do Ibope — que pode favorecer o candidato tucano é seu desempenho em São Paulo, o maior colégio eleitoral do País. Ele vem crescendo solidamente — o Ibope não liberou percentuais por causa da exclusividade de suas pesquisas para a Rede Globo — enquanto Lula, por exemplo, mostra tendências de queda.

Ao longo das pesquisas empreendidas nesta campanha — e nesta reta final elas serão diárias, até a boca de urna do dia 15 — o Ibope detectou aspectos que sinalizam para onde se dirigem os votos indefinidos. Trata-se, a esta altura, de um mistério que não será decifrado senão após o encerramento da votação. Mas os sinais mostram um eleitor frustrado com a sucessão de decepções que ele e o País têm vivido nos últimos anos.

“As pessoas se ressentem profundamente do esquema de ‘levar vantagem’”, aponta o diretor do Ibope. “Acontece que esse esquema virou comportamento, e não se aceita senão essa filosofia. Mas esses eleitores indecisos reclamam exatamente uma mudança nesse tipo de situação, estão demorando para se definir porque desejam um candidato sério, honesto, digno. E que esteja bem distante desse esquema de ‘levar vantagem’.”

São 30%. Ou 37%. Ou 27%. Tão perto do momento de decisão, é até oportuno que o chamado silêncio eleitoral se instale, quando o fim de semana terminar. Afinal, não seria justo que, na primeira eleição para presidente desde 1959, um incidente fortuito de campanha alterasse as preferências dos 82 milhões de brasileiros que irão votar quarta-feira que vem.

Elogios de Collor na defesa de Sarney

“Candidato a governador, ele vinha me pedir apoio.”

O presidente Sarney voltou a ocupar ontem o espaço do horário político gratuito reservado ao PRN de Fernando Collor de Mello para responder aos ataques do candidato. Desta vez, a estratégia do presidente consistiu em apresentar Collor como seu antigo aliado, que já o procurou no Palácio do Planalto em busca de apoio durante a disputa pelo governo de Alagoas, em 1986. Para tanto, Sarney mostrou uma gravação de 12 de novembro de 87, em que o candidato lhe cobria de elogios: “Alagoas, presidente Sarney, vê as suas mãos cheias de benefícios para esta terra, para este município e para o sertão das Alagoas. Somos gratos ao senhor pelas obras da hidrelétrica de Xingó. Somos gratos pela decisão que sabemos há no fundo do seu coração, de fazer o possível, sobretudo no Nordeste”.

Em seguida, Sarney colocou novamente sua alça de mira na direção de Collor: “Candidato de hoje insulta o presiden-

te. Desmente uma carreira política sempre no poder, como se uma plástica biográfica operasse um milagre de uma nova cara. Vinha pedir o meu apoio, candidato a governador. Era o tempo do Plano Cruzado. Agora, são os insultos, palavão fácil e a brutalidade verbal, a falta de equilíbrio”.

Também em seu programa semanal “Conversa ao Pé do Rádio” de ontem, o último antes da eleição, Sarney queixou-se da “brutalidade, da violência e do desatinado” com que foi tratado por Collor, mas se disse tranqüilo: “Pela primeira vez neste país uma eleição não é acusada da interferência do poder público na coação, na fraude e na colocação dos instrumentos do poder a serviço de candidaturas”.

Ao visitar Divinópolis (MG) ontem, Collor se conteve e não mencionou nenhuma vez o nome do presidente Sarney. Ao lado de dona Sarah, viúva do ex-presidente Juscelino Kubitschek, o tom mais agres-

sivo empreendido pelo candidato em seu breve discurso foi quando afirmou que não se intimida com “cara feia, violência, intolerância e ameaças, partam de onde partirem”, fazendo uma alusão às respostas de Sarney no horário político gratuito.

Para o presidente, o que importa agora é derrotar Collor e não eleger este ou aquele candidato. É verdade que o presidente não tem simpatia por ninguém. Seus familiares e amigos, porém, avaliam o quadro e concluem que, do ponto de vista da política do Maranhão, que é o que mais interessa a Sarney daqui para a frente, o melhor seria a eleição de Leonel Brizola. Daí a intenção de voto em Brizola aberta por Sarney Filho, o Zequinha, deputado federal e candidato do pai ao governo do Maranhão no ano que vem. No caso de vitória de Collor, as pretensões dele seriam dificultadas, com a concorrência do senador João Castello, inimigo do presidente e principal homem de Collor no Estado.